

## Um balanço do *XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*

Subordinado ao tema “O Estado da Índia e os desafios europeus”, decorreu em Lisboa, entre 23 e 27 de Outubro de 2006, o *XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, organizado pelo Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CHAM-FCSH-UNL) e pelo Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa (CEPCEP-UCP). Inaugurada em 1978, esta reunião de investigadores da História Indo-Portuguesa tem circulado entre a Índia (Goa: 1978, 1983, 1994 e 2003; Cochim: 1989; Nova Delhi: 1998), Portugal (Lisboa: 1980 e 1985; Macau: 1991; Angra do Heroísmo: 1996) e o Brasil (Salvador da Baía: 2000).

Para o *XII Seminário* foram propostos os seguintes temas: 1-Impérios: estratégias e negócios; 2-As potências asiáticas face às concorrências europeias; 3-Agentes e aventureiros; 4-As missões: entre a evangelização e os designios imperiais; 5-Representações culturais e artísticas: cidades, entrepostos e saberes.

A presente edição destacou-se relativamente às anteriores pelo elevado número de participantes, num total de 43, dos quais 23 estrangeiros, e por uma maior internacionalização, atestada pela presença de oradores filiados em instituições de 12 países. Tal significou uma notável renovação do seminário, visível não apenas na proposta de novas linhas de investigação, espelhadas na diversidade dos temas em discussão, como na adopção de um leque cronológico mais alargado, com uma maior incidência de comunicações sobre os séculos XVII e XVIII. Na tradição dos anteriores encontros, todas as comunicações foram acompanhadas por um intenso e participado debate.

A conferência inaugural, proferida pelo professor Anthony Disney (La Trobe University, Melbourne), recuperou o quotidiano dos vice-reis seiscentistas a partir dos diários dos condes de Linhares (1628-1635) e de Sarzedas (1655-1656). A reconstituição da actividade diária, das

expectativas e das relações sociais dos vice-reis forneceu uma perspectiva menos conhecida do funcionamento da administração do Estado da Índia.

Dando o mote ao tema central do seminário, João Paulo Oliveira e Costa (CHAM-FCSH-UNL) explicou a fundação do Estado da Índia no contexto dos desafios europeus colocados a D. Manuel I, descortinando uma acção governativa muito mais complexa e ambiciosa do que a retratada pelos cronistas.

A história das actividades comerciais assegurou uma ampla visibilidade neste seminário. Realçando processos de competição internacional ou de cooperação entre grupos mercantis, diversos oradores abordaram a circulação de mercadorias em todo o Oriente ou centraram-se em fluxos de rotas específicas. Om Prakash (University of Delhi) propôs novas linhas de investigação focadas na diversidade dos produtos negociados na Carreira da Índia e na relevância da participação dos mercadores privados portugueses no comércio intra-asiático, mesmo perante a concorrência holandesa e inglesa. K. S. Mathew (Kannur University) analisou o papel de Calecute na intermediação do comércio marítimo entre Malaca e Veneza e as vicissitudes desta cidade portuária face à concorrência europeia no Índico. Timothy D. Walker (University of Massachusetts Dartmouth) debruçou-se sobre a produção e circulação de informação comercial entre os mercadores e funcionários portugueses que operavam nos mercados orientais. A falsificação do ouro produzido no Sudeste Africano foi estudada por Kartikeya Kohli (University of Delhi), que discorreu sobre as implicações desse processo na circulação monetária e comercial do Estado da Índia. Eugénia Rodrigues (Instituto de Investigação Científica Tropical, IICT) centrou-se na construção e no funcionamento de redes sociais envolvendo Goa e Moçambique, explorando a sua mobilização para a circulação de créditos e mercadorias entre aqueles territórios em meados de Setecentos. As relações comerciais entre Goa e o Rio de Janeiro nas primeiras décadas de Oitocentos foram estudadas por Luís Frederico Dias Antunes (IICT), que salientou o lugar dos têxteis, metais preciosos e escravos nessas trocas. Mihoko Oka (Universidade de Tóquio) trouxe nova luz ao

funcionamento do sistema de crédito com que os dáimios japoneses financiavam os negócios dos portugueses em Nagasáqui, na primeira metade do século XVII. Manel Ollé (Universitat Pompeu Fabra) explorou o papel dos piratas sino-japoneses e de outros grupos marítimos comerciais na interacção entre portugueses e espanhóis na Ásia Oriental nos séculos XVI e XVII. O comércio de cavalos no Estado da Índia foi dissecado por Rui Manuel Loureiro (CHAM-FCSH-UNL), que apontou a sua importância nos rendimentos alfandegários e o seu significado no relacionamento com as grandes potências indianas vizinhas. Ernestina Carreira (Université de Provence) revelou como a comunidade francesa usou as redes de solidariedade católica para negociar sob a protecção do Estado da Índia, depois do fracasso da primeira *Compagnie des Indes*, e como, após a criação da segunda, tentou mobilizar para os seus projectos expansionistas as comunidades lusófonas dispersas no Oriente.

Os aspectos financeiros do funcionamento do Estado da Índia foram investigados sob diferentes perspectivas. As suas contas públicas, em articulação com a arquitectura administrativa (1687-1820), foram traçadas por Artur Teodoro de Matos (UCP), que destacou o peso do modelo de corte, transplantado do Reino para Goa, na evolução das despesas da administração. Susana Münch Miranda (CHAM-FCSH-UNL) explicou os efeitos fiscais da rivalidade luso-holandesa, nas primeiras décadas de Seiscentos, tendo salientado como a extensão ao Oriente do imposto do consulado foi acompanhada de processos de negociação política com as câmaras locais.

Os desafios militares colocados pelas potências europeias ao Estado da Índia centraram-se na disputa luso-holandesa no Oriente, embora a concorrência dos ingleses tivesse sido igualmente focada. Ernst van Veen (Leiden University) reexaminou as etapas do conflito ibero-holandês, propondo novas leituras do estabelecimento da supremacia holandesa no Oriente. Jurrien van Goor (Utrecht University) desenvolveu as estratégias dos holandeses para se firmarem no Oriente a partir da obra do governador-geral da VOC J. P. Coen. Vítor Luís Gaspar Rodrigues (IICT) mostrou como o processo de orientalização da armada do Estado da Índia conduziu ao enfraquecimento do poder

marítimo português, sobretudo das armadas de alto bordo, quando surgiu a ameaça holandesa e analisou as transformações da estrutura naval entretanto operadas, que possibilitaram a sobrevivência do império oriental português na primeira metade de Seiscentos. André Murteira (CHAM) explicou os cercos holandeses de Moçambique, de 1607 e 1608, no contexto global do conflito ibero-holandês. Os bloqueios dos estreitos de Malaca e Singapura pela VOC, durante os anos de 1630, foram analisados por Peter Borschberg (National University of Singapore) na perspectiva das estratégias diplomáticas e comerciais dos portugueses para tentarem sobreviver à ameaça holandesa. Por fim, Vasco Resende (École Pratique des Hautes Études, Paris) analisou a rivalidade anglo-portuguesa na região do Golfo Pérsico, a partir das cartas dos viajantes ingleses.

Os processos de mudança social foram alvo da investigação de vários comunicantes. Leonard Y. Andaya (University of Hawai) descreveu o processo de indigenização dos “portugueses pretos”, os topazes, no chamado arquipélago de Solor como uma estratégia coroada de êxito face ao avanço do domínio holandês na região malaio-indonésia. Paulo Lopes Matos (UCP) analisou a evolução demográfica das Ilhas de Goa (1718-1830), destacando as alterações relativas aos grupos étnico-religiosos desse território e as suas dinâmicas familiares. Fátima da Silva Gracias (Research Institute for Women, Goa) apresentou um estudo comparado da situação das mulheres europeias na Índia Portuguesa e na Índia Inglesa, realçando diferentes papéis e estilos de vida em ambos os territórios. Lorraine White (Edinburgh) mostrou como o “clã” dos Mascarenhas construiu um império com ligações na corte e no ultramar, fornecendo inúmeros funcionários ao império e desenvolvendo diversas estratégias para defender os seus interesses familiares. Pius Malekandathil (Jawaharlal Nerhu University) comparou as experiências urbanas e sociais de Cochim e Goa na estruturação do Estado da Índia, no decurso dos séculos XVI e XVII, a primeira dinamizada pelo seu activo comércio, enquanto a segunda foi marcada pela preponderância da administração.

A história eclesiástica e religiosa, com as suas ramificações políticas, económicas e culturais, foi abordada sob diferentes ângulos. Apesar dessa diversidade, o papel dos jesuítas e os

conflitos entre o Padroado e a *Propaganda Fide* atraíram a maioria dos oradores, confirmando a relevância desses temas na história do Estado da Índia. Na linha da história das representações, foram apresentadas duas comunicações. Teresa Lacerda (CHAM) comparou as visões do outro nos textos quinhentistas dos jesuítas das áreas de influência do Padroado e do *Patronato*, evidenciando as diferentes representações subjacentes aos métodos de acomodação cultural e de conquista usados na Ásia. Andrea Doré (Universidade Federal do Paraná) discutiu a extensão do conflito europeu entre catolicismo e protestantismo às áreas do império português. Mostrou como missionários e homens de armas representavam o inimigo holandês como o herege, reforçando as justificações religiosas para a presença ibérica no ultramar.

Charles Borges (Loyola College, Baltimore) decompôs as estratégias económicas das ordens religiosas no Oriente, em particular da Companhia de Jesus, para obter os fundos usados na missionação. Isabel Boavida (Universidade de Lisboa) argumentou que a fundação do colégio jesuíta de Diu respondeu à necessidade de assegurar as comunicações entre a missão da Etiópia e o centro provincial de Goa, aproveitando as redes comerciais que ligavam aquela praça ao Mar Vermelho. Inês Zupanov (CNRS, Paris) desenvolveu os procedimentos colectivos e individuais dos jesuítas para negociarem a sua posição no Oriente, face às desconfianças das autoridades do Padroado e ao papel crescente da *Propaganda Fide*.

Ângela Barreto (Instituto de Ciências Sociais) explicou os conflitos entre o Padroado e a *Propaganda Fide*, no século XVII, à luz da lógica política subjacente à actuação do papado. Através da figura do bispo Mateus de Castro, examinou as estratégias da *Propaganda* para se implantar no Estado da Índia. Essa disputa foi igualmente objecto da investigação de Maria de Jesus dos Mártires Lopes e Livia Ferrão (IICT), que destacaram os instrumentos da *Propaganda Fide* para reduzir a área de influência do Padroado e o diminuto êxito das autoridades portuguesas nesse processo. Prolongando as questões religiosas para o período contemporâneo, Teotónio R. de Sousa (Universidade Lusófona) analisou o 6º Concílio Provincial de Goa (1894-1895) na perspectiva das

preocupações do império português face à crise do Padroado e ao avanço dos imperialismos europeus no Oriente.

Os estudos urbanísticos, arquitectónicos e arqueológicos foram consagrados em várias abordagens, ganhando uma nova importância neste seminário. Sidh Mendiratta (Universidade de Coimbra) relatou os resultados dos trabalhos arqueológicos em curso nas ruínas do convento de Nossa Senhora da Graça, em Velha Goa, um projecto de cooperação entre diversas instituições portuguesas e indianas. As transformações urbanísticas e arquitectónicas de Nova Goa nos séculos XIX e XX foram discutidas por Alice Faria (Université Paris I), que evidenciou como a arquitectura de Velha Goa serviu de matriz para as construções da nova cidade para, mais tarde, ser sobrepujada por modelos de influência britânica.

A apresentação do projecto “Bombaim antes dos Ingleses. A marca portuguesa no território da actual península de Bombaim”, uma parceria do Centro de História de Além-Mar da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de História da Arquitectura da Universidade de Coimbra coube a investigadores de ambas as instituições. Da primeira, André Teixeira, Isabel Almeida e Pedro Nobre centraram-se nas negociações diplomáticas que acompanharam a cedência de Bombaim à coroa britânica e nas implicações para o Estado da Índia da perda daquele categorizado porto. Filiado na segunda instituição, Walter Rossa apresentou os resultados já alcançados com o levantamento e o registo em base georeferenciada dos dados territoriais, urbanísticos e arquitectónicos relativos ao período português de Bombaim.

No âmbito da história cultural, foram discutidos processos de transculturação entre a Europa e o Oriente. Lotika Varadarajan (Asiatic Society) abordou o complexo processo de trocas culturais e científicas na experiência indo-portuguesa, destacando como se desenrolaram em diferentes níveis, tangíveis e intangíveis. Barbara Karl (Scuola Normale Superiore di Pisa) focou as colchas de algodão e seda produzidas na Índia segundo modelos europeus, para uso das elites europeias e

coloniais. Examinou a iconografia de uma colcha de Bengala, evidenciando elementos de uma complexa fusão cultural.

A divulgação de documentação arquivística tocou a Dejanirah Couto (École Pratique des Hautes Études, Paris), que deu a conhecer a recente tradução das cartas persas da *Colecção Oriental* da Torre do Tombo (Lisboa) e a sua relevância para o estudo das estratégias de Ormuz face à presença portuguesa no Golfo Pérsico.

Maria de Jesus dos Mártires Lopes e Eugénia Rodrigues, ICT